

DO ANTIGO PRIMÁRIO À UNIVERSIDADE, A ESCOLA DE ANTIGAMENTE NUNCA FOI DE BOA QUALIDADE

Newton Cesar BALZAN*

Comentar sobre o passado, quando este *passado* é parte integrante de nossas próprias vidas, obrigatoriamente nos leva à parcialidade no julgamento daquilo que aconteceu. Vemos a nós mesmos e toda rede de experiências e vivências pelas quais passamos com nosso próprio olhar, às vezes um tanto embaçado por falta de clareza, às vezes colorido demais pelas fantasias que foram se misturando com aquilo que de fato ocorreu.

Ao falar da Escola de Antigamente, partindo de minhas próprias experiências, corro uma série de riscos: falar a partir de minha própria ótica, sendo obrigatoriamente subjetivo no julgamento que faço dessa escola; tendo a fazer um *estudo de caso* fundamentado em *história de vida* que, no caso, é constituída pelas minhas próprias experiências, sendo as conclusões, por isso mesmo, impossíveis de generalizações.

No entanto, tendo tido contatos com tantas histórias semelhantes, acho que vale a pena correr esses riscos e dizer alguma coisa sobre a *Escola de Antigamente*, considerada como de boa qualidade, cada vez que se fala sobre a Escola atual. Que esta vai mal, não há dúvida alguma. Que sob certos aspectos a de hoje é muito pior que a de antigamente, também não há dúvida. No entanto, pensar que a anterior era boa, ou mesmo excelente, como pretendem alguns, é ingenuidade.

Na explanação, a seguir: usarei os termos *curso primário*, *curso ginásial* e *curso colegial*, ao me referir, respectivamente, às quatro primeiras séries do atual *ensino fundamental*, às quatro séries seguintes - 5^a a 8^a - do mesmo período e às três séries do atual *ensino médio*, estarei me referindo aos *cursos*

(*) Prof. Titular da Faculdade de Educação da PUC-Campinas e Prof. Colaborador da Fac. Educação da Unicamp.

(1) Professoras Clarice de Almeida, 1^o Ano; Zenaide Mendes Pereira, 2^o Ano; Ana Rita Lüdke e Maria Aparecida Ferreira, que se revezaram no 3^o Ano.

Relato de Experiências

científico e clássico como modalidades do antigo Curso Colegial.

Tenho em minhas mãos uma velha fotografia. Foi tirada há mais de cinquenta anos, quando eu cursava o **2º ano primário** de um Grupo Escolar em Jundiá, interior de São Paulo. São quase 40 meninos distribuídos numa arquibancada, de maneira tal que todos pudessem ser vistos. A professora, de pé, posa ao lado. Seu jeito e seu traje são sérios, seu penteado impecável. No banco da frente, sentados, 11 meninos, todos calçados, alguns com terninhos - calças curtas e paletós. Nos bancos de traz, em pé, meninos geralmente maiores, alguns sem agasalhos num dia frio de junho, a maioria deles descalços, fato que é ocultado pela posição que ocupam na foto. Passados mais de meio século consigo reconhecer alguns deles, exatamente aqueles que estão sentados ao meu lado, no banco da frente: são os que prosseguiram os estudos, de maneira que continuei a vê-los durante algum tempo depois daquele 2º ano primário, ano do ataque a Pearl Harbour, ano em que a 2ª Guerra Mundial parecia cada vez mais crítica para os aliados. São absolutas exceções aqueles que reencontrei, mais tarde, no Ginásio, ou mesmo nas séries posteriores do Grupo Escolar e que aparecem na foto ocupando os bancos de traz.

Hoje eu diria que *os da frente, foram em frente* e que *os de traz, continuaram atrás*. Terá havido exceções, é claro, mas em geral foi isto o que aconteceu. Em outros termos, hoje eu diria que nossos destinos, em termos de escolaridade, já estavam praticamente traçados. Não, não podemos simplesmente culpar as *diferenças de classes* pelo que aconteceu. Não havia um só representante de classes abastadas ou de famílias com altos níveis de escolaridade entre nós. Naquele tempo, esses elementos - raros! - geralmente estudavam em Colégios Internos. No entanto, creio poder afirmar que *os dos bancos de traz*, em geral, eram ligeiramente mais carentes que os demais.

Trinta e tantos anos mais tarde - depois de ter cursado duas Universidades e ter realizado três cursos de graduação, além de pós-graduação - vim a constatar aquilo que hoje me parece cada vez mais claro: minhas primeiras professoras: de 1º ao 3º ano¹ foram muito - mas muito! - mais eficientes que a maioria absoluta de meus professores universitários, inclusive os de pós-graduação e mesmo aqueles com quem convivi no pós-doutorado. A exceção foi o professor de 4º ano. Detestava os alunos, de modo geral. Se por um lado não posso dizer que chegou a me ofender, por outro lado nunca me esqueci dos gritos dos colegas que expulsou da escola. Dizia - "Já escrevo com tinta vermelha que é para não me arrepender!" O que terá sido deles? Cabral, Perez, Euclides e tantos outros... Infelizmente esse professor nos acompanhou até metade da 3ª série ginásial, como professor de matemática, onde, desta vez, juntava o desconhecimento da matéria ao antigo ódio pelos alunos.

Meados dos anos quarenta. Têm início as aulas da **primeira série ginásial**. Trata-se de uma Escola Normal particular, sendo quase a totalidade dos professores, portadores do título de professor primário, apenas. O ensino é fraquíssimo, embora considerado caro para a época. Só consigo me matricular por ter ganho uma bolsa de estudos da Prefeitura Municipal graças à nota com a qual fui aprovado nos exames de admissão. As salas de aulas estão caindo aos pedaços, mas o currículo é sobrecarregado: tínhamos outras matérias além das que formam o atual núcleo básico. Serve, como exemplo, o horário das 4ªs feiras: Francês, Português, História Geral e Latim. São duas classes, divididas por sexos. Na minha classe há 41 alunos, sendo, a das meninas, um pouco menor. No ano seguinte, dado o grande número de reprovações, as duas classes se fundem numa única. Não, o ensino não era apertado. Constava basicamente de exposições orais, ditados e cópias.

Ao se iniciar a **3ª Série Ginásial**, a antiga Escola Normal Particular passa a instituição

pública: Ginásio Estadual e Escola Normal. Um razoável número de alunos transfere-se para a Nova Escola, agora gratuita, formando-se mais uma vez, duas classes. A troca de professores se faz de maneira radical. Os que chegam, são mais jovens, recém formados por Faculdades de Filosofia. As aulas se modificam, os professores cobram mais dos alunos, alguns ultrapassam a mera repetição de conteúdos.

No final do ano, uma verdadeira tragédia: muitos *tomam bomba* como se dizia na época. Conseqüências: 1^a) os reprovados, com maior poder aquisitivo, transferem-se para Colégios Particulares de outras cidades, onde são aprovados. Voltam a se matricular no Ginásio do Estado, são novamente reprovados, retornando aos Colégios particulares, num movimento pendular que dura anos; 2^a) no ano seguinte, *os que sobraram* - meninos e meninas - formam, mais uma vez, uma só classe de **4^a série**.

Fim do Curso Ginásial, atual 8^a série: dos 41 meninos que compunham a 1^a série, quatro anos antes, só sobraram 6.

O que restou de tudo aquilo? Para que terão servido aqueles cansativos exercícios de Latim, com as célebres exceções da terceira declinação? Claro que nos era dito que Latim era importantíssimo para o Português, mas jamais foi feita qualquer relação entre uma e outra língua. Para que terá servido aquele mundo de anotações sobre a reprodução das amebas? Pior ainda: quatro anos de Canto Orfeônico - que deveria se chamar Música, é claro - e que não nos proporcionou qualquer - repito: qualquer - entendimento sobre a arte musical, fazendo com que acumulássemos quatro anos desta disciplina, saindo completamente analfabetos em Música? Por que todas aquelas aulas de desenho, "do natural" e geométrico, se nada, absolutamente nada nos legaram quanto a conhecimento sobre artes plásticas? Por um momento sequer teríamos ouvido qualquer

referência a algum pintor ou escultor famoso, de Giotto a Portinari? Saímos do Ginásio, também analfabetos, em Desenho e Artes Plásticas. Qual teria sido a finalidade daquelas aulas de Educação Física, nas quais somente os *mais esportistas* recebiam a atenção dos professores, numa verdadeira inversão da ordem lógica curricular?

Somando tudo, acho que *o que ficou*, de fato, foram conhecimentos esparsos, disto e daquilo, com exceção de Inglês e Francês, graças às duas Professoras excelentes que tivemos², ambas formadas pela PUC-Campinas. É agradável lembrar que nestas alturas, eu me correspondia em inglês e francês com jovens da Finlândia, Canadá, Estados Unidos e Japão.

Ficou, também, de modo marcante para todos nós, os contatos com a única Orientadora Educacional³ que tivemos. Pena que chegou tão tarde, apenas na 4^a série. Foi a única pessoa a nos dirigir a palavra enquanto pessoas, ao longo do curso todo. Tinha uma visão extremamente avançada para a época, mobilizava ao alunos, era capaz de rir de fazer rir. Que caminhos terá percorrido?

Dona Nise, Dona Terezinha, Dona Maria Júlia.... acho que não tinham mais que 26 ou 27 anos. Sempre muito elegantes, impunham respeito pelo que sabiam e pelo que eram.

Final dos anos quarenta. Festa em Jundiá - criação do **Curso Colegial Noturno**, possibilitando continuidade aos estudos àqueles que precisavam trabalhar.

Primeira noite de aulas. São 42 alunos matriculados na **1^a Série do Científico** e um número bem menor na 1^a série do Curso Clássico. Ainda me lembro, meu número era 36.

A classe é bastante heterogênea quanto às idades dos alunos e conseqüentemente, quanto ao fato de parte dos alunos - os mais velhos - já estarem trabalhando. *Dos pequenos*,

⁽²⁾ Professoras Nise da Silveira e Maria Júlia Toledo.

⁽³⁾ Professora Therezinha Aguirre.

sou o único que trabalha o dia todo, fato que escondo dos colegas e professores, a fim de evitar uma marginalização. Os *anos dourados* também traziam seu lado triste. Neste caso, o prestígio social dos que não precisavam trabalhar e o pouco caso em relação aos mais jovens que trabalhavam e que eram, explicitamente, *pobres*.

Improvisam-se professores de Física, de Matemática, de Português e de Desenho. Nenhum deles é habilitado para lecionar e *tocam as coisas como podem*. Noites e noites sem aulas, ora por falta de professores, ora por *greves* que volta e meia decretávamos, cada vez que um filme famoso era exibido nos cinemas da cidade.

O pessoal vai desistindo gradativamente do curso e outros alunos vão chegando, transferidos de outras escolas.

Eu escolherei o Científico que me acenava com experiências, expectativas em cursar engenharia no futuro e saber Ciência. Mas as aulas são ditadas e os cadernos vão se enchendo de anotações que serão cobradas em sabinas bimestrais. São problemas de Física que levam muitos alunos à reprovação, são dezenas de teoremas de Matemática que, sem saber para que serviriam, memorizávamos para *passar nas provase*, claro, odiávamos. Problemas e mais problemas que na verdade não eram problemas, mas sim séries intermináveis de exercícios *para darem certo*. Nenhuma referência à estrutura atômica, nenhuma relação com as explosões nucleares experimentais no deserto de Nevada ou no Atol de Biquini. Nenhum comentário em História, sobre a Guerra Fria que se iniciava, ao Macartismo nos Estados Unidos. Não nos são cobradas leituras de autores clássicos ou modernos, mas sim, suas biografias: Guerra Junqueira se converteu ao catolicismo antes de morrer... Álvares de Azevedo oscilava entre a pureza e a devassidão... assim líamos e repetíamos a partir do livro-texto de Português, de um autor cuja ideologia jamais foi questionada.

Em todo caso, faço uma concessão: o Científico exigiu de nós - ao menos dos que sobraram, um certo raciocínio, proporcionando-nos uma cultura geral, razoável para a época, embora fragmentada e isolada do mundo real.

Final do Curso Colegial - Científico. Dos 42 estudantes matriculados na 1ª série, restam apenas 7.

Como já havia acontecido no primário e no ginásio, jamais ouvi, nos intervalos das aulas ou na volta para casa - em grupos - qualquer referência àquilo que teria sido ensinado (?) em sala de aula. Este fato, que hoje de modo geral, ainda ocorre, atesta mais que qualquer outro, a enorme distância entre dois mundos: o dos conteúdos das disciplinas e o mundo dos alunos. Evidentemente o fenômeno é mais grave hoje, na medida em que em outros tempos a Escola era praticamente a única agência detentora de conhecimentos e portanto, potencialmente, o local privilegiado para a transmissão de conhecimentos. Hoje ela é apenas uma dessas agências.

Quem seriam aqueles que sobraram no final dessa guerra? Por que teriam conseguido chegar até o final? Não tenho certeza alguma em afirmar que eram os mais inteligentes. É até possível que fossem. Tenho certeza, porém, de que eram todos mansos, bonzinhos, capazes de engolir toda aquela matéria chata, sem propósito, de modo obediente e silencioso.

Anos cinqüenta. Início do **Curso Superior na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP)**. Somos 37 estudantes no 1º dia de aula do **1º ano noturno**.

O cenário do Curso Colegial, repete-se aqui: desistências, reprovações, dependências que vão se acumulando, chegada de alunos do diurno, greves de até quase dois meses. No entanto, o ambiente estudantil é extremamente mais democrático e agradável do que o do Cole-

gial. Aqui, a maioria absoluta trabalha durante o dia, mesmo aqueles que, teoricamente, "poderiam apenas estudar". A camaradagem entre os colegas, o apoio de uns aos outros é notável.

O ambiente universitário no prédio da Rua Maria Antônia - incendiado por alunos da direita no final dos anos 60 e hoje sede da SBPC - é fervilhante. Fala-se e comenta-se sobre tudo: cinema, teatro, política, muita política. Nós, estudantes do Noturno, que trabalhamos o dia todo, temos pressa e apenas passamos pelo Grêmio da Faculdade, ficando com um *gosto de participar, na boca*, que nunca pode se concretizar.

Sou um dos que sonham em experienciar tudo aquilo e me deparo com a impossibilidade de concretizar meu sonho. Trabalho o dia todo em Estrada de Ferro, viajo uma hora e meia de ônibus e trem para chegar a São Paulo, caminho a pé durante meia hora até chegar à Faculdade, saio das aulas antes do término, afim de dispor de tempo para pegar o último trem que sai às 11:10 horas da noite para Jundiaí. Ando depressa, chego a correr pelas ruas Aurora e Vitória, conhecidas então como Bocas do Lixo, tomo o trem de volta, estudo e durmo, chego a Jundiaí pouco depois da meia-noite, caminho pouco mais de 3 km até minha casa, ao longo dos trilhos da estrada de ferro, em noites claras e por compridas ruas em noites escuras ou muito frias. Houve momentos em que o cansaço e o sono eram tantos que cheguei - literalmente - a dar alguns passos dormindo. No dia seguinte, tudo recomeça: às 8:00 horas estou na Estrada de Ferro, às 17:24 horas meu trem larga a estação de Jundiaí... Com esta descrição quero salientar o seguinte: durante 4 anos esta rotina se repetiu e nunca - **nunca** - fui atacado, roubado ou sequer abordado por qualquer pessoa - a não ser para me pedirem informações. Creio não ser necessário perguntar sobre o que aconteceria hoje a um jovem de 20 e poucos anos, carregando uma pasta e simplesmente passando por esses mesmos lugares. Este é um dos lados bons dos

anos dourados. Não dispúnhamos de xerox como os universitários de hoje, tendo que copiar a mão e depois datilografar várias vezes o mesmo texto a fim de distribuir cópias para toda a classe, não dispúnhamos de computadores, sequer de calculadoras e andávamos de manhã à noite com sapatos pesados nos pés em vez de tênis, mas as questões de insegurança e violência não faziam parte de nossas preocupações.

Somos a penúltima turma a freqüentar dois cursos ao mesmo tempo. O acúmulo de anotações de aulas é enorme e o curso, como um todo, é *apertado*. No entanto, com raras exceções, o esquema geral é o mesmo do Ginásio e do Colégio: os professores *dão aulas*, isto é, transmitem os conteúdos e os alunos anotam. Nas provas somos cobrados por aquilo que conseguimos reter na memória.

As aulas de História são lamentáveis. Parece incrível que tenhamos tido um ano inteiro para receber aulas sobre o *Conceito de Gentleman no Renascimento Inglês!* É inacreditável que um professor tenha dedicado seu ano letivo para dissertar sobre o *Movimento do Porto de Antuérpia no Século XVIII* e outro, um ano falando sobre o *Contrabando do Escravo Negro no Rio da Prata!* Cursos monográficos, restritos a fatos, sem nos proporcionar qualquer vivência da História enquanto Ciência. Assim, se soubemos praticamente tudo sobre a 29ª Dinastia Egípcia, jamais ouvimos qualquer referência a Marx, a Max Weber, a Galileu e a tantos outros pensadores que *fizeram o mundo moderno*. Não, não tivemos um Curso de História, mas sim de *anti-história*, isto é, sobre como não é a História, enquanto Ciência. Mais uma vez me pergunto: o que terá sobrado das aulas de Antropologia Cultural e Língua Tupi, ou de Psicologia do Adolescente, além das disciplinas de História, às quais já me referi?

No entanto, apesar do *modelo tradicional* - em termos de aulas e do paradigma adotado por todos, isto é, a *neutralidade científica* - houve momentos bons. A inteligên-

cia e a capacidade docente de alguns professores⁴, aliadas aos conteúdos de algumas disciplinas, tais como Geomorfologia, Geografia da Energia, Geografia da Circulação, Biogeografia, ajudaram-nos a desenvolver aquilo que se convencionou chamar de *pensamento científico*.

Aqui, já se fala, durante os intervalos, sobre o que foi dito em classe. No entanto, fazemos parte da *geração silenciosa dos anos cinqüenta*. Assim, embora muito mais politizados que os jovens, em geral, e mesmo mais politizados que a maioria dos demais estudantes universitários, somos pouco críticos em relação ao Curso. Aceitamos toda aquela pasmaceira sem significado para um futuro historiador, geógrafo, ou professor, memorizamos textos, datas e fatos e desta forma somos cobrados nas provas escritas e orais.

Final de Curso, ansiedade em relação aos Concursos Públicos muito rigorosos aos quais seríamos submetidos em seguida, a fim de ingressarmos na carreira do magistério secundário que nos acenava com realização pessoal, além de certo *status* e salários nada desprezíveis.

A classe tem cerca de vinte alunos. No entanto, dos 37 que ingressaram quatro anos antes, só restam 7.

Meados dos anos sessenta. Apesar da ditadura militar, trata-se de uma época de grande efervescência cultural. O fenômeno atinge dimensões mundiais: juventude questionadora ao extremo, discussões sobre o Brasil e seu futuro, praticamente em todos os cantos da USP. Tem início, na USP, o primeiro **Curso de Pós-Graduação** voltado para as questões de ensino, **especialmente** em nível de docência universitária. A seleção é rigorosa, sendo a maioria dos ingressantes, já docentes de Faculdades.

O curso é centrado na *Epistemologia Genética de Piaget*. A metodologia, sem dúvida

mais avançada, é prejudicada pela complexidade dos temas e a falta de aplicabilidade das teorias apresentadas ao ensino do dia a dia. As aulas são desenvolvidas principalmente através de "seminários", em que um ou dois alunos expõem parte de um tema ao resto da classe. Os textos são redigidos em francês, tornando ainda mais difícil a compreensão de um autor, já, por si, bastante complexo. Ao preparar *meu seminário*, sobre a *Conservação das noções de peso e dimensões em crianças de 6 anos*, tendo a desistir do curso. Venço o desafio e *dou minha aula* de maneira clara, utilizando-me de cartazes, de exercícios e de um texto distribuído a cada um dos colegas a fim de que acompanhassem minha exposição. Saio satisfeito, pois a aprovação é unânime. Quase vinte anos mais tarde um ex-colega me confessou não ter entendido uma só palavra do que eu falara. Disse-lhe, em troca, outra verdade: -"Eu também não entendi nada do que você apresentou!" E acabamos rindo, os dois.

O Curso não se fundamenta em pesquisas desenvolvidas pelos pós-graduandos, não prepara para o desenvolvimento de Projetos de Pesquisa. Nele não se discutem as mazelas do ensino universitário, nem as dos períodos anteriores a ele. Efetuamos monografias que são corrigidas e devolvidas para que as refizéssemos, se necessário⁵.

O mundo ferve, lá fora, nesses meados dos anos sessenta, mas aqui dentro do Colégio de Aplicação da USP, em nosso Curso de Pós-Graduação, permanecemos isolados, como se vivêssemos em outra galáxia.

Ao contrário dos ciclos anteriores, aqui, a maioria - cerca de 20 estudantes - continua o Curso até o final. Um final melancólico: sem diploma, sem despedidas, sem que soubéssemos quais as prováveis expectativas e destinos de cada um.

⁽⁴⁾ Destaco os Professores Doutores: Pasquale Petrônio, Aziz Ab'Saber, Nice L. Müller, e Ari França.

⁽⁵⁾ Louve-se, no entanto, a presença constante da Prof^ª Dr^ª Amélia Domingues de Castro, sem cuja persistência, resistência e capacidade de liderança, o Curso não teria se instalado e muito se mantido ao longo de dois anos.

22 DE ABRIL DE 1998

As aulas do **Curso de Pós-Graduação em Clínica Médica e Cirurgia** da Faculdade de Ciências Médicas começam às 19 horas, mas hoje chego bem antes do início. Os estudantes/médicos ainda não chegaram e aproveito o tempo para ver as classes onde alunos de Ciências Biológicas e das diversas sub-áreas da Área da Saúde - Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Medicina, Enfermagem e outras, têm aulas durante o dia e à noite. Uma das classes está aberta e dou uma olhada. Sala ampla, para 60 ou mais alunos. As cadeiras estão todas enfileiradas e lá na frente, a mesinha do professor. Se por um lado há limpeza e ordem, por outro lado aquela antiga disposição dos móveis me assusta. Estamos no limiar do Século XXI e dali a pouco, provavelmente dezenas de estudantes assistirão exposições e anotarão tudo aquilo que seus professores de Histologia, Bioquímica, Embriologia, talvez de Imunologia, explicarem. E terão provas em que provavelmente serão cobrados mais pelo que conseguem reter na memória do que pelos problemas que forem capazes de resolver, ou por aquilo que terão conseguido aprender através de leituras, acesso a resultados de pesquisas recentes, desenvolvidas em outras partes do mundo, via-Internet etc. A pesquisa avança, ciência e tecnologia disparam e nossas escolas continuam praticamente as mesmas.

Meus alunos estão chegando e começam a trabalhar sem que lhes peçam. Querem tirar dúvidas sobre os Projetos de Pesquisa que se propuseram desenvolver durante o semestre: Percepção dos Residentes sobre o Ensino Médico; Estudo Comparativo entre Concluintes de Medicina de 1992 e de 1997; Relações médico-paciente x relações professor-aluno de medicina, além de outros. Sentamo-nos em círculo - os 17 alunos e eu - de modo a facilitar que cada um participe dos problemas que os demais apresentam. Devolvo-lhes, com críti-

cas, os textos que escreveram, os quais deverão ser reescritos até que alcancem o nível de excelência. A seguir, entramos no tema propriamente dito, ao qual é dedicado este Encontro. Evito o termo aula propositadamente. Trata-se de discutir sobre a leitura de um texto aplicado à Profissão Médica, escrito no final dos anos cinqüenta por um dos principais sociólogos americanos⁶. O texto se aplicaria ao Brasil de hoje? Em que medida? O quê terá se alterado ao longo desses quarenta anos na profissão médica, conforme é vista pelo autor - tanto nos Estados Unidos como em outras partes do Mundo? Quais os tópicos, conceitos ou idéias do autor que se aplicam ao seu próprio cotidiano como médico e/ou como professor? Essas são algumas das questões que os alunos foram solicitados a responder no intervalo de uma semana. Minha função consiste primordialmente, em coordenar os debates que se seguem, ajudá-los a elaborar pequenas sínteses e esclarecer alguns pontos que ficam obscuros. Não tenho respostas para todas as perguntas que surgem, mas sei como encaminhá-los para obtê-las.

Os vinte minutos finais são dedicados a apresentações sobre o significado para o Curso de Medicina e para a Profissão Médica das disciplinas que lecionam, suas relações com as disciplinas ministradas na mesma série e em séries anteriores, assim como os pré-requisitos de fato necessários para cursar suas disciplinas. É agradável ver como levam a sério este trabalho, apresentando dados e gráficos através de projeções numa tela improvisada. Em dados momentos parecem crianças defendendo apaixonadamente suas disciplinas como as mais importantes do currículo, lamentando não disporem de tempo para poderem ensinar mais e melhorseus alunos. Ora é a jovem anestesista *pondo contra a parede* o cirurgião, perguntando-lhe o que seria capaz de realizar sem sua presença. Ora é a dermatologista lamentando

⁽⁶⁾ Veja-se, de: Charles Wright Mills, A nova classe média (White Collar), Rio de Janeiro: Zahar, 1976, especialmente Cap.II, item 6: Antigas profissões e novas especialidades - os Médicos.

o fato de seus alunos acharem que seu curso é mera perfumaria, mas sendo capaz de defender com verdadeira paixão sua especialidade. Ri-se muito nesta parte da “aula” e a atenção continua constante.

Meu trabalho já deveria ter terminado há mais de meia hora, mas eu não consigo sair da classe. Eles continuam discutindo e não têm pressa para irem embora, apesar do Campus distar alguns quilômetros da cidade e se situar num local considerado como *barra pesada*. Dois ou três deles sempre me acompanham até o carro num curto percurso, quando trocamos idéias sobre a profissão, a Universidade e o Mundo.

Volto cansado, mas me sinto agradavelmente bem. No fundo, desejo que eles se sintam da mesma forma.

O que terá havido de estranho, de notável, ou mesmo de extraordinário nessas “aulas” que, por hipótese não deveriam despertar interesse deste grupo de alunos? Por que se interessar por uma das disciplinas obrigatórias, cujos conteúdos versam sobre Universidade no contexto sócio-cultural brasileiro, da qualidade do ensino superior, da didática na área da saúde?

Resposta: nada, absolutamente nada, a não ser o fato de os estudantes estarem sendo desafiados o tempo todo a atribuírem significado àquilo que fazem e ampliarem seus conhecimentos a partir de leituras e releituras de textos ou da análise de dados estatísticos que têm relações com o que são no dia a dia, com os problemas do Brasil e do Mundo atual. Desta forma, podem ver com maior clareza o emaranhado da rede que envolve num todo indissociável, problemas de saúde, avanço científico e tecnológico, nossa sofrível posição em termos de índice de desenvolvimento humano (IDH), globalização, desemprego e violência,

ensino de medicina e área específica em que atuam, enquanto médicos.

Acredito que a maioria dos cursos de pós-graduação se aproximam da forma como foi exemplificado acima, uns mais outros menos. Trabalhos mais criativos e adaptados às especificidades de cursos e estudantes de pós-graduação, certamente estarão sendo realizados.

Ao relatar a experiência acima, pretendo apenas significar que a ênfase que se dá à **formação do aluno** em nível de pós-graduação deveria ser extensiva aos níveis anteriores de escolaridade, onde se informa, apenas⁷.

A escola de antigamente já era de má qualidade e acredito que infelizmente pouco mudou ao longo deste meio século. Já era excludente e permaneciam fora dela crianças e jovens em idade escolar, em número muito maior que hoje.

Houve exceções ao longo deste período, claro, mas foram muito poucas. Por questão de justiça, é necessário lembrar as Escolas Experimentais dos anos sessenta, dentre as quais se destacaram os Ginásios Vocacionais. no Estado de São Paulo e alguns Colégios de Aplicação anexos às Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras em alguns Estados. Foram **projetos** que envolveram integração curricular, experiências e vivências nos mais variados campos de conhecimento a partir de planejamento global e de avaliações constantes. Alcançaram qualidade excepcional. Deram certo. Foram extintos.

BIBLIOGRAFIA

- AROUCA, Lucília S. e DESTRO, Martha R.P. Hermenêutica e histórias de vida. In: *Revista da Universidade São Francisco*, Bragança Paulista, Vol.5, (9), 1987, 83-92.

DOMINICÉ, Pierre. La Biographie Educative: Instrument du Recherche, in *Education et Recherche*, (4), 1982.

GOODSON, Igor F. (Ed) *Studying Teachers' Lives*. London, Routledge, 1992.

KIRB, Dan and KUYKENDALL, Carol. *Mind Matters - Teaching for Thinking*, Portsmouth, New Hampshire, Boyton/Cook Publishers Inc., 1991.

NADAI, Elza. *Educação como apostolado: história e reminiscências (1930-1970)*. Tese de Livre-Docência, USP, 1991.

PINEAU, Gaston *Produire sa Vie: Auto-formation et Autobiographie*. Montreal, E. Saint-Martin, 1983.

SPRADLEY, James P. and McCURDY, David W. *The Cultural Experience - Ethnography in Complex Society*. Chicago, Science Research Associates Omc;, 1972.